

***La originalidad Intelectual de América (1919):* as ressonâncias do pensamento de García Calderón sobre a obra *Raíces do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda¹**

La originalidad intelectual de América (1919): las resonancias de los pensamientos de García Calderón sobre la obra *Raíces do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda

La originalidad Intelectual de América (1919): the resonances of García Calderón's thoughts on the work *Raíces do Brasil* by Sérgio Buarque de Holanda

Iara Andrade Senra²

Resumo

O presente artigo analisa algumas possíveis ressonâncias que o texto *La originalidad Intelectual de América (1919)* de Francisco García Calderón teve sobre a obra *Raíces do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda. Enfatizamos que a análise referente ao idealismo espanhol desenvolvida por Calderón ofereceria os andaimes discursivos para Buarque conformar os tipos: Semeador e Ladrilhador em *Raíces*. Para tanto, por meio do comparativismo, retrocederemos até *Originalidade Literária* (1920), primeiro artigo escrito por Buarque e texto onde cita explicitamente a Calderón. Tanto *La Originalidad Intelectual de América* quanto *Originalidade Literária* tratam-se de textos, cuja temática central é a busca de uma autenticidade, e nesse retorno às origens, ambos autores reservariam à herança ibérica lugar de destaque.

Palavras-chave: Originalidade; Francisco García Calderón; Sérgio Buarque de Holanda; Semeador; Ladrilhador.

Resumen

Este artículo analiza algunas posibles resonancias que el texto *La originalidad Intelectual de América (1919)* de Francisco García Calderón tuvo sobre la obra *Raíces do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda. Destacamos que el análisis sobre el idealismo español desarrollado por Calderón ofrecería las bases discursivas para Buarque conformar los tipos: "Semeador" y "Ladrilhador". Para hacerlo, a través del método comparativo, volvemos a la *Originalidad literaria* (1920), primer artículo escrito por Buarque y texto donde menciona explícitamente a Calderón. Tanto *La Originalidad Intelectual de América* como *Originalidad literaria* son textos cuyo tema central es la búsqueda de autenticidad, y en este retorno a sus orígenes, ambos autores reservarían un lugar destacado para la herencia ibérica.

Palabras claves: Originalidad; Francisco García Calderón; Sérgio Buarque de Holanda; Semeador; Ladrilhador.

Abstract

This article analyzes some possible resonances that the text *La Originalidad Intelectual de América (1919)* by Francisco García Calderón had on the work *Roots of Brazil* (1936) by Sérgio Buarque de Holanda. We

¹ Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2019.

² Doutoranda em História Comparada; Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ; Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil; iaravr@hotmail.com.

emphasize that the analysis of Spanish idealism developed by Calderón would offer the discursive bases for Buarque to conform the types: “Semeador” and “Ladrilhador” in *Roots of Brazil*. For this purpose, through comparativism, we will go back to *Literary Originality* (1920), the first article written by Buarque and text where he explicitly mentions Calderón. *La Originalidad Intelectual de América* and *Literary Originality* are texts whose central theme is the search for authenticity, and in this return to their origins, both authors would reserve a prominent place for the Iberian heritage.

Keywords: Originality; Francisco García Calderón; Sérgio Buarque de Holanda; Semeador; ladrilhador.

1. Introdução

Considerando a assertiva do intelectual argentino Martín García Mérou de que “[...] no hay literatura cuya historia se encierre en los límites de su país de origen” (MEROU, 1900, p.9), buscamos neste artigo identificar determinadas contribuições que o peruano Francisco García Calderón legou à análise comparativista desenvolvida por Sérgio Buarque. Sustentamos que *La originalidad Intelectual de América* (1919), de Calderón proporcionou os andaimes discursivos e comparativos que fundamentariam o primeiro artigo de Buarque *Originalidade Literária* (*Correio Paulistano*, 1920), discussão que ressoaria mais tarde em *Raízes do Brasil* (1936)³ e em *Visão do Paraíso* (1959), contribuindo para conformação dos tipos semeador/realista e ladrilhador/idealista. Inicialmente, vejamos resumidamente um pouco da história e da importância destes dois interpretes da realidade ibero-americana.

Francisco García Calderón Rey⁴ nasceu em 1883 em Valparaíso, Chile e faleceu em 1953 em Lima, Peru. Foi filósofo, escritor, historiador, diplomata peruano e diretor de *La Revista de América* (Paris). Calderón foi considerado um dos maiores intérpretes da América. O autor apontou tanto os aspectos biológicos quanto culturais como chave explicativa para a formação dos caracteres ibero-americanos. Suas obras giram em torno da busca de uma originalidade, da ferrenha crítica aos Estados Unidos, da valorização do Cesarismo Democrático e da hispanidade, consequentemente imprimiu à herança ibérica um valor positivo. Dentre suas diversas obras, destaca-se *Las Democracias Latinas de América* (1912).

Num momento em que as diferenças entre América Portuguesa e América Hispânica eram exaltadas e o Brasil ocupava um lugar aparte na “América Latina”, o autor peruano cumpriu o intento de inseri-lo no debate ibero-americano. Considerando as semelhanças em termos de *religião, língua e raça* entre Brasil e demais repúblicas hispano-americanas, Calderón afirmou que “[...] nenhum outro continente oferece tão numerosas razões de

³ No presente artigo utilizamos a edição *princeps* (1936) e a edição crítica de *Raízes do Brasil* (2016).

⁴ Informações biográficas retiradas do prólogo de *Las democracias latinas de América* escrito por Luis Alberto Sánchez e publicado pela Biblioteca Ayacucho, em 1979, págs. IX-XX

unidade” (CALDERÓN, 1979: 187, *grifo nosso*). Religião católica, língua de matriz latina, “raça” mestiça, eis aí as similitudes que nos uniriam, na concepção de Calderón.

Para o americanista Leslie Bethel (2009) é somente durante a segunda guerra mundial que “[...] os governos e intelectuais hispano-americanos passaram a incluir o Brasil no seu conceito de “América Latina”, (BETHEL, 2009:306), bem como seria por volta de meados do século XX que alguns (poucos) intelectuais brasileiros começaram a se identificar como “latino-americanos”. Portanto em relação ao debate identitário inclusivo, Calderón foi uma das poucas exceções. Já em 1912 o autor propôs um projeto de identidade supranacional, incluindo o Brasil na ideia de “América Latina”, atitude não muito comum para época, tendo em vista que nosso passado monárquico e nossa boa relação com os Estados Unidos nos distanciavam de nossos vizinhos.

Já o intelectual Sérgio Buarque de Holanda⁵ nasceu em São Paulo em 1902 e faleceu em 1982. Foi jornalista, sociólogo e historiador. Na década de 1920 publicou diversos estudos sociológicos, ensaios⁶ e críticas literárias. Participou do movimento modernista de 1922. Em 1936 tornou-se professor de história do Brasil na Universidade do Distrito Federal. Entre 1937 e 1944 foi chefe da sessão de publicações do Instituto Nacional do Livro e diretor de divisão da Biblioteca Nacional até 1946. Também foi presidente da Associação Brasileira de Escritores. Em 1956 participou como professor da FFCL-USP, na Cadeira de Civilização Brasileira, sendo efetivado dois anos depois. De 1962 a 1964 assumiu a direção do Instituto de Estudos Brasileiros. Em *Raízes do Brasil*, sua obra mais polêmica, destacou a incompatibilidade entre a herança ibérica e os ideais democráticos. A experiência intelectual e política do autor, provenientes de um contexto em que a democracia era extensivamente discutida e almejada, ajudam a compreender as alterações que Buarque imprimiria em *Raízes do Brasil*. De uma primeira edição, onde era patente o olhar conservador do autor, às demais edições, onde a obra vai aos poucos se tornando um clássico por amadurecimento, conforme Luiz Feldmam (2016) explicitou.

⁵ Informações biográficas retiradas da *Revista do Brasil*, número especial dedicado a *Sérgio Buarque de Holanda*: artigos e depoimentos sobre o escritor e sua obra, publicado pela Fundação Rio, organizado por Francisco de Assis Barbosa, 1987.

⁶ Texto literário, que de acordo com Liliana Weinberg (2001) caracteriza-se por apresentar uma interpretação bem organizada da realidade, por promover um diálogo com leituras de seu tempo, por não ser ficcional, por apresentar um caráter político, por estar pautado no ponto de vista do autor, ou seja, possui caráter subjetivo.

Sérgio Buarque fora também uma das exceções⁷ ao valorizar a literatura hispano-americana. Era exímio leitor das letras hispânicas, leitura realizada tanto na juventude quanto na maturidade. Fora apresentado à literatura de língua espanhola por José Veríssimo, também notável conhecedor do mundo hispano-americano.

Em *Santos Chocano (A Cigarra, 1920)* Buarque enfatizou o desdém que os intelectuais brasileiros nutriam no tocante à América Hispânica, privilegiando sempre a Europa/ Estados Unidos e salientou que para ele, a América Espanhola era repositório de grande tesouro no terreno das letras.

Nossos olhares, nossos pensamentos, nossos gostos embicam quase sempre para o Velho Mundo, para a Europa, que em nossa alma de americanos notou Nabuco, os resquícios de nossa origem europeia. [...] A despeito dessa opinião, que creio fundada, releva dizer que muito tesouro desconhecido, mormente no terreno das letras, existe aí, à matroca, pelos países da América espanhola. (HOLANDA, 1996:54).

Posicionamento reiterado em obras posteriores, como pode ser atestado em *El Brasil en la vida americana*, palestra proferida por Buarque no colóquio internacional *Las IX Recontres Internacionales de Genève*, em 1954, promovido pela UNESCO.

Ressaltamos, no entanto, que apesar de Calderón e de Buarque valorizarem, respectivamente, a literatura brasileira e hispano-americana, de estarem discutindo o mesmo tema: a herança ibérica e sua (in)compatibilidade com os princípios modernos e de compartilharem momentos cronológicos até certo ponto próximos - se considerarmos obviamente a construção e concretização de suas principais obras⁸ - fica patente, no entanto, que ambos faziam parte de gerações distintas. Logo, suas interpretações refletem as correntes filosóficas que os influenciaram e os pares com os quais dialogavam.

Todavia é certa também, a existência de pontos de contatos entre eles, tanto que o ensaísta peruano é citado por Buarque em seu primeiro artigo. Em *Originalidade Literária* o

⁷ Obviamente que Sérgio Buarque de Holanda não fora o único a valorizar a literatura hispano-americana, Oliveira Lima é considerado o ícone dos estudos sobre Brasil e Hispano-América, José Veríssimo, autor que apresentara Buarque às letras hispânicas, escrevera diversos artigos para jornais fazendo a conhecer as obras ibero-americanas no Brasil. No século vinte, o acadêmico Silvio Júlio Albuquerque lamentava os deboches que os intelectuais brasileiros dedicados ao estudo da América Espanhola sofriam, por sua vez, Ronald de Carvalho escreveria *Toda a América*, cantando as belezas da América.

⁸ *Las Democracias Latinas de América*, publicada em 1912, ressoará na década seguinte, prestigiando Calderón com o título de um dos maiores intérpretes da realidade ibero-americana e *Raízes do Brasil* é fruto de um momento expressivo anterior, ou seja, as raízes de *Raízes* remontam aos anos vinte, e nela insere-se toda uma discussão representada pelo movimento modernista brasileiro e hispano-americano, especificamente no que toca na relação entre tradição e modernidade.

autor de *Raízes* reconhece Calderón como um “[...] dos mais notáveis pensadores e críticos da América Espanhola [...]”. (HOLANDA, 1996, p.35).

2. A primeira comparação de Buarque entre América Espanhola & América Portuguesa

*No Brasil o espetáculo divergiu bastante.
Sérgio Buarque de Holanda*

Foi na década de 1920 que Buarque, ainda crítico literário, entrou em contato com obra *Ideas y Impresiones* (1919), de Calderón. Uma das diversas leituras que fez a autores hispano-americanos, que lhe possibilitou amplo conhecimento sobre a “América Latina”.

O primeiro artigo escrito por Buarque intitulado *Originalidade Literária (Correio Paulistano, 1920)* tecia diversos elogios aos estudos de Francisco García Calderón.

O s.r. F. García Calderón, considerado hoje, e com justiça, um dos maiores pensadores críticos da América Espanhola, estuda, num ensaio publicado recentemente *Ideas y Impresiones*, a originalidade literária na América, historiando detalhadamente todos os fatores que têm contribuído para a completa emancipação espiritual do Novo Mundo e, em especial, na porção onde domina a língua de Cervantes. (HOLANDA, 1996, p. 35-36)

Ideas y Impresiones é composta por um texto de crítica literária, *El Filólogo Cuervo*, e oito artigos de cunho histórico-sociológico que versam sobre um tema que sempre foi caro à Calderón: a identidade ibero-americana. De teor iberista, estes artigos - *Las corrientes filosóficas en la América Latina*, *La crisis del bergsonismo*, *Bolívar e La originalidade intelectual de América* - foram publicados em obras anteriores⁹ e compilados em *Ideas y Impresiones*. Contudo, Calderón amplia o debate ao discorrer sobre preocupações que acometiam o mundo no momento da escrita: o período entreguerras, estes últimos textos - *El panamericanismo: su pasado e porvenir*, *Los aspectos psicológicos de la guerra*, *La teoria del germanismo e Los escritores ingleses y la guerra*. - encontram-se ainda pouco explorados.

Sérgio Buarque busca justamente o texto *La originalidad intelectual de América* para fundamentar sua argumentação sobre a existência de indícios de americanismo em

⁹ *Las corrientes filosóficas en la América Latina* trata-se de um pronunciamento do autor peruano no Congresso de Filosofia de Heidelberg em setembro de 1908, portanto já publicada na *Revue de Metaphysique et de morale*, de Paris e republicada em versão castelhana na *Revista Moderna*, do México com notas de Pedro Henríquez Ureña. *Bolívar* apareceria em um dos capítulos *Las Democracias*. *La Originalidad intelectual da América* apareceria pela primeira vez em 1913 compondo *La creación de un Continente*, contudo com título reduzido *La Originalidad intelectual*.

determinados poemas brasileiros. Para tanto, em *Originalidade Literária* o autor desenvolveu e aprofundou a discussão iniciada por Calderón sobre a autenticidade, discutindo as fontes – poemas épicos espanhóis - analisadas pelo autor peruano. Além disso, é de *La originalidad intelectual de América* que Buarque retirou suas primeiras impressões comparativas entre espanhóis e portugueses. Conforme salienta Guilherme Pinheiro Pacheco em *Originalidade Literária*, Buarque “[...] ainda seguindo as opiniões de Calderón volta-se pela primeira vez para um tema que lhe seria caro: a distinção entre a colonização espanhola e a portuguesa”. (PACHECO, 2016, p.29)

A leitura realizada por Buarque na mocidade rendera frutos, isso porque em *La originalidad Intelectual de América* o autor buscou indícios para fundamentar uma análise comparativa que seria central em *Raízes do Brasil*: a visão idealista espanhola e a praticidade portuguesa. Comparativismo que ressoaria também em *Visão do Paraíso* (1959).

Penso que Buarque filtrou as informações de Calderón sobre o idealismo e a diligência espanhola, expostos pelo autor peruano em dois poemas - *Rusticatio mexicana* (1782) e *La Araucana* (1569), e as utilizou em seu artigo para demonstrar que ao contrário do espanhol, o português era prático. Posteriormente, em *Raízes*, fundamentou tal análise comparativa mediante o exame: das *Ordenanzas de descubrimiento, nueva población de 1573*, do *Regimento de Tomé de Souza (1548)*, a *Carta de Tomé de Souza (1553)*, de *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904) e de *Economia e Sociedade* (1922), ambas de Max Weber.

Em *La originalidad intelectual de América* Calderón critica determinados obras escritas na época colonial por considerá-las meras cópias da literatura produzida na mãe-pátria, contudo elege dois poemas que se diferenciavam: *Rusticatio mexicana*, escrito pelo padre Landivar e *La Araucana*, escrito pelo soldado espanhol Ercilla. Estes apresentariam indícios de uma prematura nacionalidade

Ambos os poemas atestam a estranheza e o espanto do conquistador ao se deparar com natureza e povos diferentes, anunciava-se assim, um americanismo nascente. Flora e fauna eram poetizados e determinadas tribos indígenas cantadas por sua relação amistosa com os hispânicos. Os Yanacónas, por exemplo, eram “indios mozos amigos que sirven a los españoles, andan en su traje, y algunos muy bien tratados, que se precian mucho de policía en su vestido: pelean a las veces en favor de sus amos [...]”. (ERCILLA, 2003:

Tanto *Rusticatio mexicana* quanto *La Araucana* testificam a admiração do colonizador ante o Novo Mundo. De modo que, os rios caudalosos, os bosques, a flora, a fauna, a cultura diversa despertam a atenção do conquistador. “O primeiro e mais remoto fator de originalidade literária apareceu na América com a contemplação, por parte dos europeus

conquistadores, de uma nova flora mais grandiosa e magnífica do que os cercavam no ambiente primitivo [...]” (HOLANDA, 1996, p.36)

Buarque, sublinha que poemas de tendências americanistas como *Rusticatio mexicana* e *La Araucana* foram produzidos numa época em que chocavam-se povos de cultura relativamente elevada- espanhóis, incas, astecas. Portanto, a grandeza cultural/militar indígena e a natureza americana são evidenciadas, causando admiração nos espanhóis.

Una cónica colina se cierne sobre la fuente Domina cual cono de cumbre muy alta a la fosa, tupido de bosque en la punta, y oscuro por fondas umbrosas; el cual superando con cresta sublime las nubes, de por sí bastaría de ayuda a la turba de otrora gigantes, si otra vez pretendiese subir a los cielos excelsos. (LANDIVAR, 2001, p.244)

Ao comparar *Rusticatio e La Araucana* aos poemas produzidos na América portuguesa, Buarque destacou que “No Brasil o espetáculo divergiu bastante”, ou seja, nem natureza, nem o índio despertaram o devido interesse em nossos colonizadores.

[O espanhol não] aspira confundir-se com a terra pródiga, num delírio panteísta. Isso na América Espanhola. No Brasil, o espetáculo divergiu bastante. O povo português menos idealista e, se quiserem, mais prático que o espanhol, não teve uma impressão tão sutil da natureza como aquele. Além disso, as tribos selvagens e erradias que aqui habitavam não poderiam inspirar, aos dominadores, em geral incultos e rudes, senão desprezo e ódio. (HOLANDA, 1996 .p.37).

Na passagem acima, Buarque fez sua primeira comparação entre América Espanhola e Portuguesa. Nela o ensaísta brasileiro comparou o idealismo e o zelo espanhol – informação exposta por Calderón ao analisar *La Araucana e Rusticatio Mexicana* – ao desleixo dos portugueses para com a nova terra, há assim um esboço comparativo entre tipos que seriam caros ao autor: o *semeador/realista* e o *ladrilhador/idealista*.

O Semeador e o Ladrilhador é o título do quarto capítulo de *Raízes do Brasil*, apesar de a primeira edição ter como título *passado agrário* (continuação), o comparativismo entre espanhóis –metódicos - e portugueses – desleixados - já é patente na edição *princeps*. O fato é que na segunda edição de *Raízes*, Buarque dá nome aos tipos, caracterizando o espanhol como ladrilhador e o português como semeador, além disso, insere a nota *Natureza e Arte*. Conforme a nota, podemos concluir que os termos foram retirados por Buarque do *Sermão da Sexagésima* (1655), proferido por padre Antônio Vieira. Neste sermão, Vieira - contrário aos estilos modernos de pregação, muito cultos, organizados e trabalhosos - afirma que “O pregar há de ser como quem se semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja”. (VIEIRA, 1965, p.V). As passagens que atestam o jeito “desleixado” do semeador, não na visão de Vieira, mas sim na de Buarque, transparecem em trechos como:

Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. «Caía o trigo nos espinhos e nascia» [...] «Caía o trigo nas pedras e nascia»: [...] «Caía o trigo na terra boa e nascia»: [...] Ia o trigo caindo e ia nascendo. Assim há-de ser o pregar. Hão-de cair as coisas hão-de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! [...] Não está a coisa no levantar, está no cair. (IDEM).

Na passagem acima fica claro que apesar dos diferentes tipos de solo, para Vieira, o importante é deixar a semente cair – palavra de Deus -, não era necessário sistematização, erudição e organização da pregação, tudo isto era visto pelo padre como “estilo violento e tirânico”. Para Vieira a pregação deveria mirar-se no céu. As estrelas não estão ladrilhadas, ordenadas, mas foram “semeadas” por Deus no firmamento. “[...] Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas” (VIEIRA apud HOLANDA, 2016, p.202). Sendo assim, para o jesuíta, o semeador da Palavra cumpria um papel importantíssimo à medida que espontaneamente pregava e propagava a fé.

Já na concepção de Buarque o semeador seria aquele que não se preocupava em modificar a realidade, mesmo porque “Hão-de cair as coisas hão-de nascer; tão naturais que vão caindo”, (VIEIRA, 1965, p. V), então *deixa estar* que tudo se resolve, na espontaneidade, no improvisado, no desleixo.

Contrapondo-se à pregação aos moldes de um xadrez, ou seja, metódica, organizada, complicada, ladrilhada, Vieira sustentava que “Não está a coisa no *levantar*, está no cair”. (IDEM, *grifo nosso*) Surge aí uma característica daquele que se difere do semeador: o ladrilhador. Este subverte a realidade e “levanta”, subverte a pregação tornando-a incompreensível ao “rústico”¹⁰. Buarque se apropria do termo ladrilhar utilizado por Vieira num sentido negativo, dando-lhe novos significados. Para o autor de *Raízes* o ladrilhador seria aquele que se contrapõem à realidade, aquele que primeiro planeja, organiza metodicamente para depois levantar, construir. Mesmo que para essa empreitada laboral fossem utilizados os pés e as mãos dos indígenas, o ladrilhador mediante o planejamento e trabalho árduo indígena subvertia o ambiente, portanto não confundia-se “com a terra pródiga”.

Luiz Guilherme Piva¹¹ (2000) liga o ato racional de planejar do ladrilhador, ou seja, sua capacidade de “antecipar mentalmente” a cidade à “vontade férrea e abstrata do espanhol

¹⁰ Expressão utilizada por Vieira para indicar aquele que teria dificuldade em compreender a palavra de Deus.

¹¹ Para Piva os tipos ladrilhador e semeador, na forma como foram apresentados por Buarque, indicam dois caminhos para modernização brasileira: a iberista ou nacional (semeador) e a moderna ou americana (ladrilhador).

[idealista]” (PIVA, 2000, p.162) preconizada em *Visão do Paraíso*. Assim como relaciona a incapacidade de seguir regras e o improviso do sementeiro a uma visão mais objetiva e prática do mundo. Onde a realidade não desperta o devido interesse e satisfaz o pensamento, para quê ter trabalho de modificá-la? Improvisa-se, amoldando-se ao ambiente, comendo o pão da terra, dormindo em redes e espreguiçando-se na geografia.

[...] o sementeiro abriga é mais a noção de pragmatismo do que a liberdade de ação, sendo a desobediência a normas um traço constante [...] já a obra racional do espanhol em *Raíces* tem ligação com sua capacidade de abstração, de imanência, de impessoalidade, aproximando-se de *Visão do Paraíso*. Também no termo *improvisado* (português), unem-se a ausência de normas e de liberdade de ação, de um lado, e a visão pragmática e objetiva do [...] luso de *Visão [do Paraíso]*. (PIVA, 2000, p. 162)

Se Piva liga os tipos sementeiro/ladrilhador de *Raíces* aos tipos realista/idealista de *Visão do Paraíso*, é possível que os germens de tais tipos já se encontrassem no primeiro artigo de Buarque.

Em *La Araucana e Rusticatio Mexicana* - poemas analisados por Buarque via leitura de *La originalidad Intelectual de América* de Calderón - a perspectiva idealista do espanhol transparece quando este se assombra ante as árvores frondosas, à fauna exuberante, à inocência/bravura/nudez indígena. Imagens paradisíacas que podem ter levado o espanhol a relacioná-las ao Éden, considerando a mentalidade religiosa da época¹². Por sua vez a ação racional do ladrilhador é evidenciada quando ante de tudo aquilo lhe era diferente, este não se “[...] confundi[u] com a terra pródiga, num delírio panteísta.” (HOLANDA, 1996, p. 37)

Penso que a visão mítica do paraíso em terra, assim como a esperança pelo *El Dourado* abriram caminho para colonização. Quando as fantasias hispânicas se tornaram realidade¹³, o espanhol idealista se tornou ladrilhador, portanto não se “confundiu com a terra

¹² Interesses econômicos à parte, é indiscutível o caráter missionário que a colonização espanhola tomou. Se considerarmos as *Ordenanzas de descubrimiento, nueva población de 1573*, observamos que ela não só objetivava organizar o povoamento da Colônia, padronizando as construções, mas tinha como principal objetivo uma mudança de mentalidade em relação aos indígenas, tanto que o rei espanhol Felipe II orienta que seus súditos utilizem o termo pacificação ao invés de conquista, admoestando os colonizadores para que não escravizem os indígenas e para que respeitem as missões jesuíticas. Por fim, Felipe lembrava aos colonos que estavam na América para cumprir uma missão religiosa de paz, de proteção e de ensino, e não de conquista e submissão.

¹³ Ou seja, a partir do momento em que o *El Dourado* deixou de ser um devaneio para se tornar real mediante a descoberta do outro, ou quando o índio gentio ainda não “contaminado pelo pecado” foi “encontrado”, a terra/gente despertou o interesse/ação do ladrilhador, seja por meio de investimentos na Colônia, seja por meio da catequese. Neste momento o hispânico já idealizou o que havia de idealizar, restava agora racionalizar o pensamento e colocar as mãos à obra, a mão do indígena decerto.

pródiga”, conforme os portugueses¹⁴, mas antes a modificou, catequizou os gentios, fixou-se na colônia, explorou o ouro, construiu cidades, universidades, interiorizou-se, instituiu leis rígidas, ou seja, sobrepôs-se ao ambiente e o colonizou.

Obviamente que a empreitada de “modificar a terra pródiga”, tinha como intuito estabelecer um controle muito mais eficiente sobre sua colônia, especialmente ante a descoberta de ouro e prata. A organização citadina seria uma das principais estratégias colonizadoras postas em prática pela Espanha. Embasando-se em *Economia e Sociedade*, de Max Weber, Buarque analisou como as comunidades urbanas espanholas na América propiciaram uma dominação muito mais eficaz e condizente com a política centralizadora da Coroa Hispânica.

Conforme Weber “[...] os senhorios territoriais encontram tanto mais importância, quanto mais falhou a fundação de cidades”. (WEBER, 2004, p.276), sendo assim, as cidades hispano-americanas, metodicamente construídas e organizadas, contribuía para desmantelar a força centrífuga que as comunidades rurais poderiam oferecer, limitando o poder dos chefes locais.

Já a primeira vista, o próprio traçado dos centros urbanos na América Espanhola denuncia o esforço de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste [...] As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo, impõem-lhes a linha reta. O plano regular [...] foi simplesmente um triunfo da aspiração e de *ordenar e dominar* o mundo conquistado.” (HOLANDA, 1936, p.61, *grifo nosso*).

Na segunda edição Buarque liga a ânsia de ordenação dos espanhóis ao temor por desagregação, ocasionado por um passado de luta entre aragoneses, catalães e mouriscos. “O amor exasperado à uniformidade e a simetria surge, pois, como o resultado da carência da verdadeira unidade”. (HOLANDA, 2016, p. 204).

Em contraposição, conforme Buarque salienta, Portugal realizou sua unidade política no século XIII, antes de qualquer outro Estado europeu, e libertou-se precocemente dos sarracenos, alcançando homogeneidade étnica. Sendo assim, não foi necessário submeter-se a um mundo ordenado, sujeitando-se “[...] a leis rígidas, ditadas por motivos superiores às contingências humanas” (IBIDEM, p. 204-205). Para o autor, a unidade prematura teria gerado uma “*satisfação precoce*”, obstando ações que requeressem congregação de energias que modificassem a realidade. Renunciaram assim ao idealismo e aos códigos formais tão

¹⁴ Segundo Buarque os portugueses confundiam-se com a terra ao não se sobrepor à natureza, ao se aclimatar aos povos que aqui encontraram, ao delegar responsabilidades, não impondo leis rígidas à colônia.

prezados pelos espanhóis, manifestando um “natural conservantismo”, o tão habitual “deixa estar” luso.

O “*deixa estar*” aliado ao “*realismo chão*”¹⁵ português resultou no descaso pela terra conquistada. Se em poemas como *La Araucana e Rusticatio Mexicana* há assombro lírico ante a grandiosidade da natureza e da bravura indígena, aqui a situação foi bem diferente: o português era menos idealista que o espanhol e pouco se preocupou em contemplar o ambiente ou o nativo da terra, visto por ele com desprezo. A larga experiência lusa no contato com outros povos já havia entorpecido sua “*sensibilidade para o exótico*”, eram, realistas, práticos, buscavam explorar com o menor esforço e gasto possível, sendo assim, utilizaram a natureza e os indígenas ao seu favor.

O gosto da maravilha e do mistério [...] ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas portugueses sobre o Novo Mundo. [...] Ou porque a longa prática das navegações do Mar Oceano e o assíduo trato das terras e gentes estranhas já tivessem amortecido neles a sensibilidade para o exótico, ou porque o fascínio do Oriente ainda absorvesse em demasia os seus cuidados sem deixar margem a maiores surpresas, a verdade é que não os inquietam, aqui, os extraordinários portentos, nem a esperança deles. (HOLANDA, 1994:1).

Penso que no momento em que o lusitano se deu por satisfeito com sua realidade não teria motivo para que modifica-la. O realista já é um semeador. Apesar de a visão idealista do espanhol e da visão realista do português ser consagrada em uma obra posterior, *Visão do Paraíso* (1959); em *Raízes* os tipos se completam.

Primeiro se complementam cronologicamente: o idealista/realista navegador se torna o ladrilhador/semeador colonizador. Segundo, os tipos se completam comportamentalmente. O idealista hispânico devaneia, vê tudo que é diferente com “assombro lírico”, mas quando o sonho se torna realidade, constrói, mesmo porque precisa dominar este ambiente. O realista por sua vez, não tem “*impressão tão sutil da natureza*”, nada o surpreende, mas tudo o satisfaz, por isso se adapta a terra e quando faz algo para modifica-la, é “prático”, faz o mínimo, com desleixo, improvisado e liberalidade.

Por seu turno, “a praticidade” um tanto desleixada e preguiçosa do semeador tomaria corpo, após a leitura de *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber, ligando-o a outro tipo: ao aventureiro. A “praticidade” lusa seria evidenciada na incessante busca por riqueza fácil. O ideal do aventureiro seria sempre “[...] colher o fruto sem plantar a árvore. Esse tipo humano ignora fronteiras [...] onde quer que se erija um obstáculo a seus

¹⁵ Expressão utilizada por Antonio Candido na edição de *Raízes do Brasil* 1967.

propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim”. (HOLANDA, 1936, 21).

De acordo com Vitor A. Pompermayer (2017) “Seguindo o pensamento buarqueano, do espírito aventureiro se chega ao que ele chama de sementeiro [...]” (POMPERMAYER, 2017, p.8) Os tipos aventureiro e sementeiro relacionam-se ao passo que a vontade de enriquecer sem esforço se materializa no maneira desleixada que os portugueses se propuseram a explorar sua colônia, feitorizando, não colonizando.

Para empreitada colonizadora era necessário investimentos, esforços e capital. Por sua vez, feitorizar pressupõe “*colher sem plantar*”, não há método, não há labor, apenas improvisado. Logo, a ordem que o português aceita “[...] não é a que compõe os homens com *trabalho*, mas a que fazem com *desleixo e certa liberalidade*: a ordem do sementeiro, não a do ladrilhador”. (HOLANDA, 2016, p. 202, *grifo nosso*).

A sementeira e a ausência da ética do trabalho entre os portugueses seriam destacadas pelo autor na “praticidade desleixada” do colonizador lusitano que: a) semeou cidades irregulares; b) deu preferência ao litoral, em detrimento do interior e c) manipulou os tupis para atingir fins próprios. Para fundamentar tais argumentos Buarque buscaria as seguintes fontes históricas: as *Ordenanzas de descubrimiento nuevo e poblacion de las Indias (1573)*¹⁶, no *Regimento de Tomé de Souza (1548)*¹⁷, e na *Carta de Tomé de Souza (1553)*¹⁸.

Comparando as cidades hispano-americanas sistematicamente planejadas pelo ladrilhador/espanhol com a colonização implementada pelo sementeiro/luso no Brasil, Buarque conclui que: “As casas eram *semeadas* com desalinho, em volta de uma igreja toda branca [...] com desalinho que faz pensar nesses jardins evocados por Gilberto Freyre [...]” (HOLANDA, 1936, p.62, *grifo nosso*).

As edificações desalinhas atestavam o desleixo português e Sérgio Buarque fundamentou tal análise por meio da *Carta de Tomé de Souza*. O *Regimento de Tomé de Souza* estabelecia que uma das primeiras incumbências do governador geral seria cercar as povoações. Em resposta à solicitação real, Tomé de Souza informa ao rei D. João III quanto à

¹⁶ As *Ordenanzas de descubrimiento nuevo e poblacion de las Indias (1573)* é um código de leis expedido por Felipe II, nele estão minuciosas prescrições que regulamentavam os descobrimentos (capítulo 1 a 31), os assentamentos (capítulo 32 a 137) e a pacificação indígena (Capítulo 138 a 148) da América Espanhola.

¹⁷ O *Regimento de Tomé de Souza* é um documento sucinto que orientava o primeiro governador-geral do Brasil quanto aos procedimentos de defesa e de povoamento da colônia portuguesa

¹⁸ Carta escrita pelo governador geral Tomé de Souza ao rei João III. Nela o governador relatava ao rei os problemas que injuriavam as capitânicas hereditárias.

impossibilidade de cercar os povoamentos devido à desordem e à distância das construções: “[...] Estas duas villas de São Vicente e Santos não estão cercadas e as casas de maneira espalhadas que se não podem cercar [...] é tudo feito em deshordem [...] (SOUZA apud Holanda, 1936, p. 62).

Quanto aos locais para a edificação dos centros urbanos, embasando-se nas *Ordenanzas Espanholas*, Buarque sublinha que para os espanhóis a preferência pelo interior era patente, e relacionava-se com a maior comodidade dos colonos ao passo que o clima era mais propício e o território mais seguro em caso de invasões pitaras. Logo, os legisladores espanhóis aconselhavam os colonos a não povoarem o litoral, “[...] devido ao perigo que há neles de corsários, por não ser sadio, e porque a gente desses lugares não se aplica em lavrar ou cultivar a terra, nem se formam tão bem em costume” (HOLANDA, 1936, p. 68-69).

Orientações que por sua vez, diferenciavam-se do que era estabelecido no *Regimento de Tomé de Souza*. “Pela terra firme adentro não poderá ir tratar pessoa alguma sem licença vossa [...] sob pena de ser açoitado sendo pião e sendo de maior qualidade pagará vinte cruzados [...] (DOM JOÃO III, 1548, p.5). Portanto, contrapondo-se às *Ordenanzas Espanholas*, os portugueses instalaram-se preferencialmente no litoral, evitando gastos maiores e interditando o estabelecimento de sítios no interior.

No que se refere ao convívio com os indígenas, os portugueses também seguiram o mesmo ritmo de desleixo e de praticidade. Não tiveram nenhum “assombro lírico” ante os Tupis, mas encontraram funcionalidade na convivência. Sérgio Buarque destaca que antes de os portugueses aportarem no Brasil, os tupis-guaranis já haviam se estabelecido no litoral, fato que facilitou a dominação ao passo que de norte a sul falava-se a mesma língua. Onde a expansão dos tupis sofria uma interrupção, promovia-se migrações de tupiniquins para derrotar as tribos rivais, firmando consequentemente a posse portuguesa.

Como já foi dito, não importava muito aos colonizadores povoar e conhecer mais que as terras marginais do Atlântico, onde a comunicação com o reino fosse mais fácil. Assim, o fato de acharem essas terras habitadas de uma só raça de homens, falando a mesma língua, não podia deixar de representar uma inestimável vantagem. (IBIDEM, p. 79)

Sendo assim, a ênfase na racionalidade do ladrilhador, na sua capacidade de selecionar o melhor local, de metodicamente planejar e construir cidades evidenciava por contraste o desleixo e a preguiça do semeador ao construir casas desalinhadas, em dar preferência pelo litoral, evidencia também a sua negligência, dado que não pensou no futuro como o espanhol fez, não considerou a problemática da segurança, e muito menos a problemática do aumento

populacional que poderia advir¹⁹. Logo, mediante a análise das diferentes opções de projetos urbanísticos e da funcionalidade do convívio com os indígenas, Buarque conclui que a ordem do espanhol ladrilhador e do português semeador são distintas: o primeiro planeja, constrói²⁰, ordena e não confunde-se com a terra e gente pródiga, o segundo improvisa, pouco trabalha, é plástico e delega responsabilidades.

2.1. O método do contraponto

É patente que em *La originalidad intelectual de América* Calderón intentava levantar os fatores de originalidade literária da América, enfatizando obras e autores - inclusive brasileiros – que colaboraram para a emancipação intelectual “latino-americana”.

Calderón elogiou Gonçalves Dias (1823-1864), afirmando que o autor maranhense foi “el iniciador de una literatura nacional americana”. O poeta destacou-se não só por narrar as belezas naturais, mas também por exaltar a vida indígena. “Es o poeta épico de los indígenas, de los tymbiras “esbeltos como tronco de palmera, flexibles como la flecha bien tallada” (DIAS apud CALDERÓN, 1919, p. 64)

Ponderando os elogios tecidos por Calderón ao autor de *Canção do Exílio*, Buarque embasando-se em Romero e Veríssimo, salienta que o indianismo como representação étnica no Brasil é no mínimo problemática por romantizar as peculiaridade indígenas. Logo, obras como as de Gonçalves Dias poetizam uma “raça que cuja vida não tem poesia, exagerando sobremodo suas qualidades e atenuando seus defeitos” (HOLANDA, 1996, p. 40). Apesar das obliterações, Buarque sustenta que o indianismo ofereceu um caráter nacional à literatura, nos afastando da imitação da literatura portuguesa.

De acordo com João Kennedy (2013), essa forma de analisar o caráter positivo ou negativo do romantismo indianista, destacando as várias vozes discordantes para posteriormente mesclá-las oferece indícios de que em *Originalidade Literária*, Sérgio Buarque já utilizara um método de escrita que foi caro à *Raízes do Brasil*: a do contraponto. “O artigo está organizado na forma do *contraponto*, [...] O contraponto abrange as várias

¹⁹ Segundo as *Ordenanzas Españolas* analisadas por Buarque, as construções deveriam partir de uma praça central, a cidade seria um quadrilátero “[...] O tamanho seria proporcional ao número de residentes, e, tendo-se em conta que as povoação poderiam aumentar, não mediria menos de duzentos pés de largura por trezentos de comprimento. (HOLANDA, 1936, p. 63-64)

²⁰ Ou melhor, coloca o indígena para construir para ele, posto que o espanhol é ladrilhador, portanto planeja, mas também é personalista, logo enxerga o trabalho mecânico como algo pouco nobilitante.

vozes, incorpora as dissonâncias e mantém a tensão. Esse recurso será novamente utilizado por Sérgio Buarque, de forma admirável, em *Raízes do Brasil*". (KENNEDY, 2013, p. 125-126)

Em *Originalidade Literária* Buarque toma como referência três autores: Silvio Romero, José Veríssimo e Calderón. Sendo assim, acolhe as ideias de Calderón sobre o romantismo indianista e sua importância para a formação de uma identidade nacional brasileira, mas pondera tal argumentação, utilizando as considerações de Silvio Romero e de Veríssimo.

O empenho dos intérpretes brasileiros pela busca da identidade brasileira é elogiada por Calderón e deveria ser modelo a ser seguido pelos demais países ibero-americanos: “ En el Brasil, donde parece más enérgico el sentimiento nacional, há triunfado el americanismo: se describe la selva ubérrima ó se canta al índio vencido por la civilizacion” (CALDERÓN, 1919, p. 78-79). No que se refere ao enaltecimento da natureza feita não só por Calderón, mas também por diversos autores românticos, Buarque se contrapõe, afirmando que tratava-se apenas de “um elogio burlesco e exagerado a nossas riquezas naturais” (HOLANDA, 1996, p. 38).

No que diz respeito ao engrandecimento dos caracteres indígenas, Buarque, influenciado por Veríssimo, salienta que as qualidades indígenas foram superestimadas e seus defeitos atenuados.

E, diante de tôda (sic) esta degradação, a gente não podia deixar de sorrir das teorias sentimentalistas dos românticos da política ou da arte, e perguntar se êstes (sic) sujeitos darão jamais cidadãos aproveitáveis e indagar onde estão, entre estas mulheres feias e desgraçadas, as Iracemas e entre êstes (sic) homens rudes e grosseiros, os Ubirajaras. (VERÍSSIMO apud Bezerra Neto, 1999: s/p)

Como representação étnica, o indianismo era controverso. Buarque, fundamentando-se em Romero, sustenta que a imagem indígena propalada pelos autores românticos era a de “[...] portugueses de classe média com cores de selvagem” (HOLANDA, 1996, p. 40) e que o romantismo ao exaltar o indígena, esquecia-se que a grande parcela da população era formada por descendentes de africanos. Portanto era impossível pensar a identidade brasileira, marginalizando o componente negro que dela fazia parte.

Apesar das críticas ao romantismo, Buarque faz ponderações utilizando ambos os autores -Veríssimo e Romero- para validar o romantismo indianista como primeiro movimento de inspiração nacional. Ou seja, o romantismo tinha a sua importância posto que foi o primeiro passo para se para alcançar a tão sonhada autenticidade.

Portanto, na conclusão de *Originalidade Literária* Buarque recupera as ideias de Calderón, conferindo ao romantismo indianista uma perspectiva positiva. O desfecho esperançoso que dá ao seu artigo e que por sua vez, assemelha-se bastante com a do autor de *Ideas y Impresiones*, testifica a validação de ambos ao movimento romântico.

O Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo, ou mais tarde, a originalidade literária. A inspiração em assuntos nacionais, o respeito das nossas tradições e a submissão às vozes profundas das raças acelerarão esse resultado final. (HOLANDA, 1996, p. 41).

Por la continuidad de la inspiración, por el respeto de tradiciones que ya son seculares, por la sumisión a las voces profundas de la raza, por la exaltación de los heroes y de los fastos de la tierra materna, serán originales a arte y la filosofía de Ultramar [...] (CALDERÓN, 1919, p. 80)

2.2. A herança ibérica como fator de originalidade

Apesar do foco aparente reservado ao indígena, a obtenção de uma originalidade intelectual que partisse da inspiração indianista, em Buarque e em Calderón, tinha os seus limites. Tanto em *Rusticatio* quanto em *La Araucana* o índio foi exaltado por espanhóis, contudo as vozes ibéricas falavam dele e por ele. “En el Brasil, donde parece más enérgico el sentimiento nacional, ha triunfado el americanismo: se describe la selva ubérrima o se canta al indio *vencido por la civilización*”. (IBIDEM, p. 78, grifo nosso).

Examinando *La Araucana*, notamos que poeta e soldado Ercilla, apesar de sutis elogios aos indígenas, claramente expõe as façanhas espanholas. É sabido também que o principal objetivo de Ercilla não era exaltar a natureza americana e sua gente, mas sim narrar o sucesso da batalha empreendida pelos espanhóis no Chile contra os araucanos sublevados.

A estrofe abaixo do poema de *La Araucana* atesta a visão que os hispânicos tiveram quanto aos atributos indígenas, contudo tais peculiaridades são prontamente menosprezadas quando comparadas às virtudes dos colonizadores.

Los índios Promaucaes és una gente
Que está cien millas antes del estado
Brava, soberbia, prospera y valiente
Que bien los españoles la han probado:
Pero com quanto digo, es diferente
De la fiera nación, que, cotejado
El valor de las armas y excelência,
Es grande la ventaja y diferencia (ERCILLA, 2003, s/p).

O próprio título do poema trata-se de um termo pejorativo -significa selvagem, bárbaro – apropriado pelos espanhóis de tribos rivais, os Yanacónas, e utilizado pelos colonizadores para se referirem aos índios Mapuches. Portanto, conforme Buarque salienta citando Calderón, “Nesses poemas [*Rusticatio Mexicana* e *La Araucana*] há vestígios de americanismo, descrições, evocações, assombro lírico [...]”(HOLANDA, 1996: 36). Mas pondera e conclui: “Eram, entretanto, “[...] produto de um esforço ingente da raça conquistadora. O americanismo não passou daí”. (IDEM).

Se em *La Originalidad Intelectual de América* e em *Originalidade Literária* o índio foi destacado como o personagem principal de nossa identidade, o era de forma ambígua. Isso porque o indígena desaparece quase que por completo em *Las Democracias e Raízes do Brasil* - as obras clássicas dos autores em tela. Em Calderón e em Buarque os componentes originais de nossa nacionalidade seriam outros: nossas raízes seriam ibéricas.

3. Conclusões

Tanto Francisco García Calderón quanto Sérgio Buarque de Holanda são autores representativos do debate referente à identidade nacional/supranacional. García Calderón destacou-se por ser notável conhecedor da história brasileira e um dos primeiros autores hispano-americanos a tentar incluir o Brasil na ideia de “América Latina”. Por sua vez, Sérgio Buarque desde a sua mocidade estava emerso na literatura ibero-americana, interesse despertado por José Veríssimo.

Buarque lera a obra *Ideas y Impresiones* de Calderón na década de 1920, analisando especificamente o segundo texto do livro: *Originalidad Intelectual de América*. Este daria origem a seu primeiro artigo *Originalidade Literária (Correio Paulistano)*, cujo título como se pode notar é semelhante ao de Calderón. A leitura de *Ideas y Impresiones* rendera frutos que podem ser percebidos em sua principal obra: *Raízes do Brasil*.

A apreciação de *Ideas y Impresiones* ofereceria informações para elaboração dos tipos *Semeador e Ladrilhador*. Em *Originalidade Literária* Buarque fez sua primeira comparação entre a América Espanhola e Portuguesa. O autor fundamentando-se nas considerações de Calderón sobre o idealismo espanhol, comparou a visão idealista hispânica à praticidade portuguesa.

Outras repercussões do pensamento de Calderón podem ser percebidas: a centralidade reservada ao retorno às raízes em busca do caráter nacional e as críticas direcionadas às ideias importadas, debates recorrentes para época. No retorno até nossas origens ambos os autores

destacariam a importância da relação entre tradição ibérica e os princípios democráticos. Discussão que seria retomada pelos mesmos na década de quarenta, e renderia diversos expurgos e modificações na principal obra buarqueana. No que se refere a Calderón a reiterada defesa à herança ibérica contribuiria para o seu “ostracismo intelectual”, esquecimento que lhe fora infligido por não se adaptar aos ventos da modernidade que sopravam cada vez mais forte.

Fontes

CALDERÓN, Francisco García. *Ideas y Impresiones*. Editorial- América. Madri: 1919.

_____, Francisco García. *Las democracias latinas de América. La creación de un continente*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1979.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Originalidade Literária. *Correio Paulistano*, 22 de abril de 1920.

_____, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936.

_____. Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____, Sergio Buarque de. Santos Chocano. *A cigarra* (SP), Junho de 1920.

_____, Sérgio Buarque de. El Brasil en la vida americana. In *El Viejo y el Nuevo Mundo*. UNESCO, 1954. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000151056_spa?posInSet=1&queryId=N-EXPLORE-04ddb119-836b-4d85-84a0-a46429a5b888 Acesso em 28 de mar de 2019.

Referências

ARNONI, Antônio (org.) *O Espírito e a Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, jul-dez 2009.

BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877/1915). *Dados*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, 1999.

CARLOS II, *Recompilacion de los reinos de las Indias*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/research/recopilacion-de-leyes-de-los-reinos-de-indias-mandadas-imprimir-y-publicar-por-la-magestad-catolica-don-carlos-ii-tomos-2-777027/b808338a-8b0a-40e4-9444-f52ae70a0748.pdf>. Acesso em 23 de mar de 2019.

ERCILLA, Alonso de. Disponível em <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/89803.pdf>> Acesso em 10 de fev de 2019.

FELDMAN, Luiz . *Clássico por Amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

KENNEDY, João Eugênio. Um modernista Romeriano: Sérgio Buarque de Holanda. *Desenredos*. ano V - número dezoito, agosto de 2013.

LANDIVAR, Rafael. *Ruscátio*. Disponível em <http://recursosbiblio.url.edu.gt/Publi/Libros/2013/RusticatioMX/17.pdf>> Acesso em 3 de fev de 2019.

MÉROU, Martin García. *El Brasil Intelectual*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1900.

MONTEIRO, P. M.; SCHWARCZ, L . M. (org.) S. B. Holanda, *Raízes do Brasil* , ed. crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PACHECO, Guilherme Pinheiro. *A crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 1920-1926*. (Dissertação - Mestrado) Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 2016.

PIVA, Luiz Guilherme. *Ladrilhadores e semeadores*. A modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940). São Paulo: USP, 2000.

SOUSA. Tomé de. Carta de Tomé de Sousa a el-rei com muitas notícias das terras do Brasil. Cidade do Salvador, 1553. In *As Gavetas da Torre do Tombo, 1971*. Disponível em < <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34708/1/GavetaIX.pdf>> Acesso em 12 de jan de 2019.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: UnB, 2004.